

TEIMOSIA E DIÁLOGOS: LAZER E POVOS INDÍGENAS

Khellen Cristina Pires Correia Soares¹
Palmas, Tocantins, Brasil

Beleni Salete Grando²
Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

Resumo: Pensar o lazer a partir das experiências e cotidianos dos povos indígenas é um movimento de teimosia e posição política. Como educadoras professoras mobilizadas no trabalho cotidiano para uma educação antirracista e decolonial, elegemos trazer para dialogar conosco outras vozes, a fim de mobilizar fissuras no pensar e fazer cotidianos desta sociedade, que insiste em relações de apagamento do outro que fica à margem dos bens sociais, culturais e econômicos. Nosso convidado para esse diálogo intercultural com os colegas e leitores do dossiê de “Estudos do Lazer e Relações Étnico Raciais”, é o líder indígena Karkaju Pataxó, uma liderança indígena que milita historicamente para educar os jovens e as comunidades indígenas na re-existência a partir do esporte e do lazer. Buscamos o diálogo intercultural, que possa criar potencialmente fissuras nos movimentos de subalternidade, invisibilidade e colonialidade, em conversa com o campo dos estudos do lazer sob o sentido e significado do outro, significado que nos inspira para continuar em movimento com os povos originários para aprender-ensinar práticas sociais efetivas para o lazer e para além do esporte, para o bem-viver.

Palavras - Chaves: Povos Indígenas. Lazer. Esporte. Interculturalidade.

STUBBORNNESS AND DIALOGUE: LEISURE AND INDIGENOUS PEOPLES

Abstract: Thinking about leisure based on the experiences and daily lives of indigenous peoples is a movement of stubbornness and political position. As educators mobilized in our daily work for an anti-racist and decolonial education, we chose to bring other voices to dialogue with us, in order to mobilize fissures in the daily thinking and doing of this society, which insists on relationships of erasure of the other that remains on the margins of social goods, cultural and economic. Our guest for this intercultural dialogue with colleagues and readers of the “Leisure Studies and Ethnic Racial Relations” dossier is the indigenous leader Karkaju Pataxó, an indigenous leader who has historically fought to educate young people and indigenous communities in the re-existence of from sport and leisure. We seek intercultural dialogue, which can potentially create fissures in the movements of subalternity, invisibility and coloniality, in conversation with the field of leisure studies under the meaning and meaning of the other, a meaning that inspires us to continue moving with the original peoples to learn -teach effective social practices for leisure and beyond sport, for good living.

Keywords: Indigenous Peoples. Leisure. Sport. Interculturality.

OBSTINACIÓN Y DIÁLOGO: OCIO Y PUEBLOS INDÍGENAS OBSTINACIÓN Y DIÁLOGO: OCIO Y PUEBLOS INDÍGENAS

Resumen: Pensar el ocio a partir de las experiencias y la cotidianidad de los pueblos indígenas es un movimiento de terquedad y posicionamiento político. Mientras los educadores nos movilizamos en nuestro trabajo diario por una educación antirracista y decolonial, elegimos traer

¹ Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Email: khellen.correia@ifto.edu

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: beleni.grando@gmail.com

outras vozes al diálogo con nosotros, para movilizar fisuras en el pensamiento y el hacer cotidianos de esta sociedad, que insiste en relaciones de borrado de la otra que permanece al margen de los bienes sociales, culturales y económicos. Nuestro invitado para este diálogo intercultural con colegas y lectores del dossier “Estudios del Ocio y Relaciones Étnico Raciales” es el líder indígena Karkaju Pataxó, un líder indígena que históricamente ha luchado por educar a los jóvenes y a las comunidades indígenas en la reexistencia del deporte. y ocio. Buscamos el diálogo intercultural, que potencialmente puede crear fisuras en los movimientos de la subalternidad, la invisibilidad y la colonialidad, en conversación con el campo de los estudios del ocio bajo el sentido y significado del otro, sentido que nos inspira a seguir avanzando con los pueblos originarios hacia aprender -enseñar prácticas sociales efectivas para el ocio y más allá del deporte, para el buen vivir.

Palabras clave: Pueblos Indígenas, Ocio. Deporte. Interculturalidad.

Pensar o lazer a partir das experiências e cotidianos dos povos indígenas é um movimento de teimosia e posição política. Reconhecemos no processo histórico de uma sociedade, como a brasileira, que se produziu e reproduz a partir de relações que mobilizam um movimento permanente de truculências colonizadoras sobre outras formas de ser e estar no mundo, que não se limita a forma excludente da exploração e eliminação do outro que ocupa tempos e espaços sociais compartilhados nas terras em que habitam igualmente humanos e não humanos. Falamos de um movimento colonizador que sangra as terras brasileiras desde sua chegada dos “cristãos civilizados” nas américas e que até os dias atuais, multiplicados em tons e vozes camuflam-se para manter suas marcas profundas nas relações de colonialidades estabelecidas nesta sociedade com os povos originários.

Como educadoras professoras mobilizadas no trabalho cotidiano para uma educação antirracista e decolonial, elegemos trazer para dialogar conosco outras vozes a fim de mobilizar fissuras no pensar e fazer cotidianos desta sociedade que insiste em relações de apagamento do outro que fica à margem dos bens sociais, culturais e econômicos, para isso, nos respaldamos, teimosamente, na perspectiva da pedagogia que sugere Walsh (2013) com sua proposição da interculturalidade crítica.

No caminho de teimosias epistêmicas do sul (SOARES; GRANDO e STROHER, 2021), intencionalmente buscamos mobilizar com a fala do outro, uma liderança indígena que milita historicamente para educar os jovens e as comunidades indígenas na re-existência a partir do esporte e do lazer, o diálogo intercultural que possa criar potencialmente fissuras nos movimentos de subalternidade, invisibilidade e colonialidade em diálogo com o campo dos estudos do lazer sob o sentido e significado do outro. Significado que nos inspira para continuar em movimento com os povos originários para aprender-ensinar práticas sociais efetivas para o lazer e para além do esporte, para o bem-viver!

A escolha do outro, particularmente expressa nosso compromisso de formadoras de professores indígenas e não indígenas a partir do campo da educação e da educação física no superior - no Centro-Oeste e Norte - e em especial, com as experiências e aprendizagens com e no movimento indígena para o acesso aos bens culturais e de direito da cidadania brasileira, como o esporte e o lazer. As experiências de aprendizagens acumuladas se deram no acompanhamento do protagonismo de grandes lideranças indígenas de todo o país na organização e participação ativa na realização dos Jogos dos Povos Indígenas (...) e no I Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas – FOPPELIN (GRANDO, PINHO e CAMPOS, 2016).

Nosso convidado para esse diálogo intercultural com os colegas e leitores do dossiê de “Estudos do Lazer e Relações Étnico Raciais”, é o líder indígena Karkaju Pataxó, Coordenador de Esporte e Lazer Indígena, do Ministério dos Povos Indígenas, comunicador social, gestor de projetos, palestrante, consultor e professor graduado na Licenciatura Intercultural em Ciências Sociais e Humanidades, pela UFMG.

Em um movimento dialógico que se mantém por anos, organizamos as perguntas que iriam compor o guia de entrevista que foi prontamente acolhido por Karkaju Pataxó. Aproveitamos num encontro presencial em Brasília, por ocasião da Reunião Técnica com a Coordenação de Educação Escolar Indígena do Ministério da Educação, em novembro de 2023, no seu espaço-tempo de trabalho no Ministério dos Povos Indígenas.

O diálogo estabelecido foi marcado por seu entusiasmo com a temática que compartilhamos, o esporte e o lazer para e com os povos indígenas do Brasil, num momento relevante em que os pesquisadores e pesquisadoras indígenas, lideranças reconhecidas em seus territórios e nos movimentos sociais, assumem seus projetos coletivos junto ao estado brasileiro sedento de mudanças nas relações de poder congeladas pela colonialidade da/na política.

Karkaju é uma personalidade popular em todo o país por sua inserção no movimento indígena pelo direito aos esportes e lazer na Bahia e como colaborador dos organizadores dos Jogos dos Povos Indígenas³, desde a participação do seu povo nestes eventos que reúnem mais de 40 povos diferentes em cada edição e já ganhou visibilidade de organização mundial.

O convidamos por sua representatividade política e acadêmica no campo do esporte e lazer indígena e nos acolheu prontamente para responder as questões orientativas do diálogo

³ Sobre a política e referências históricas da organização deste evento nacional, ver em: PINTO, L.M.S.de M.; GRANDO, B.S. (org.) **Brincar, Jogar, Viver: IX Jogos dos Povos Indígenas**. Cuiabá, MT: Central de Textos, 2010.

intercultural com entusiasmo de quem conversa com parceiras da luta a fim de ampliar o diálogo com os estudos do campo de conhecimento que marca sua trajetória de gestor e educador pelo esporte e lazer. Seu currículo expressa suas experiências na organização e desenvolvimento de muitos projetos que garantem a perspectiva coletiva da educação pelo esporte e lazer, a partir das referências próprias do povo indígena, mas em diálogo permanente com a sociedade não indígena, como marca de sua abertura para conhecer e estar com outros, tendo reconhecimento de organizações indígenas de diferentes contextos políticos nacionais e internacionais.

A entrevista⁴ é assim, um diálogo intercultural que amplia nossas possibilidades de compreendermos o campo do esporte e lazer a partir de pensares e sentires de outros na experiência acumulada de quem se dedica à gestão e mobilização decolonizadora dos saberes da educação física brasileira.

Entrevistadoras: Agradecidas por sua generosidade em nos conceder esse espaço de diálogo sobre esporte e lazer, você poderia se apresentar para nossos leitores, dizer quem você é, qual é seu povo, onde fica seu território?

Karkaju Pataxó⁵: Meu nome de registro civil é: Eujacio Batista Lopes Filho, mas meu nome indígena é Karkaju Pataxó, sou da aldeia Pataxó Coroa Vermelha, no extremo sul da Bahia em Santa Cruz Cabrália, é onde tenho residência física, hoje atualmente estou morando em Brasília, mas a residência de aldeia é na Bahia.

Entrevistadoras: Tem mais alguma coisa que você acha que expressa a sua apresentação, que você acha importante trazer para o leitor da Revista Brasileira de Estudos do Lazer?

Karkaju Pataxó: Então sobre minha trajetória: eu atuo com a questão do esporte desde 1999, trabalhando com eventos de esporte indígena e tentando levar essa discussão para o meu povo. O povo Pataxó conseguiu colocar a parte esportiva de jogos e modalidades tradicionais dentro da grade curricular da escola. Todas as escolas Pataxó trabalham a metodologia de jogos, trazendo jogos e brincadeiras que culminam no evento final: os Jogos Pataxó. Hoje em

⁴ A entrevista se deu na cidade de Brasília, na sala de reuniões da Secretaria de Articulação e Promoção de Direitos Indígenas, no Ministério dos Povos Indígenas, em 08 de novembro de 2023, às 17h40, e após apresentação das questões, foi gravada e autorizada para a transcrição desta apresentação.

⁵ Mantivemos a forma da oralidade como linguagem do entrevistado por princípios de reconhecer, que iniciamos uma mobilização mundial definida pela ONU como a década das línguas indígenas, pois neste país pluriétnico e plurilíngue, os povos do Nordeste, entre outros cuja língua portuguesa foi imposta no processo permanente e conflitivo com os colonizadores de terras e gentes nos últimos 500 anos, a exemplo dos Pataxó da Bahia, reivindicam o direito do reconhecimento do português indígena como língua de matriz milenar ameríndia. Para além da gramática, a língua expressa a forma de pensar e organizar a compreensão própria do mundo e da percepção individual e coletiva de cada grupo étnico em tempos de valorização de outras formas de pensar-se humanos em uma casa comum, mas com muitas formas de constituir-se em sociedades.

dia, a gente tem quatro grandes jogos indígenas Pataxó, dentro do território Pataxó da Bahia. Eles acabam fazendo a discussão em sala de aula, envolvem toda a comunidade e conseguimos celebrar os eventos de forma mais coletiva, trazendo outras comunidades como convidados. Atuo com o esporte há um bom tempo e fazendo com que os outros esportes, que não são os tradicionais indígenas, a exemplo o Jiu-jitsu, Rugby, karatê, Capoeira, maratona e o esporte nosso. A gente tem um leque muito grande de esporte do povo Pataxó, por conta desse trabalho voltado à questão de esporte.

Entrevistadoras: Quais são as vivências que você tem de práticas corporais e culturais específicas do seu povo que considera práticas que os identificam?

Karkaju Pataxó: Bom, dentro do meu povo as práticas que eu tive a oportunidade de vivenciar com mais afinco é a prática do arco e flecha, é a mais comum, até como forma de brincadeira mesmo e a luta Patxyw Miúka'ay, que é uma luta que eles chamam de cortar para derrubar; essa luta ela acaba vindo para minha vivência também por conta da prática do Jiu-jitsu. Eu passei a ser aluno de Jiu-jitsu para poder entender melhor um pouco das duas lutas, para ver como é que seria a aprimoração disso, as outras práticas eu tenho mais apoiado nas orientações nos trabalhos da comunidade, não como a prática em si, mas com a orientação mesmo e pesquisa que a gente sempre acaba fazendo.

Entrevistadoras: Existem práticas esportivas no cotidiano da sua comunidade, há uma periodicidade? Há uma relação por exemplo com o ciclo das escolas Pataxó ou tem uma outra orientação da periodicidade? Como é que isso acontece em termos de organização do tempo-espaço dessas atividades?

Karkaju Pataxó: A gente tentou trazer do convívio do dia a dia da comunidade algumas práticas de jogos e brincadeiras que jamais foram vivenciadas por eles, como atividade de rios e natação; a luta Patxyw Miúka'ay vem dessa prática, que na verdade, não era uma luta, mas uma brincadeira de aquecimento para tomar banho. A base de uma brincadeira a gente adaptou para fazer num formato de luta. Como a gente tem a prática do ensino, não nas quatro "linhas" da escola, nos quatro cantos da escola, a gente usa todo o território como salas de aula e essas brincadeiras são da vivência, do dia a dia. A gente tirou [as práticas] do professor de educação física, que normalmente eram professores não indígenas que levavam as apresentações ou atividades físicas como uma brincadeira, o futebol, muito mais era para poder dar uma sensação de gastar mais o tempo da criança com as atividades, e a gente introduziu os jogos indígenas para colocar as práticas tradicionais nossas e adaptadas para outras modalidades. A gente acabou fazendo intercâmbio e levando para aldeia. Então a atividade de educação física ela passa a ser praticada pelas atividades de Corrida com Maracá, a própria luta Patxyw Miúka'ay,

Corrida com Tora, Arco e Flecha e Corrida. A gente envolve essas atividades hoje dentro da escola, tentando fazer com que o jovem entenda que aquela prática da escola é uma herança cultural do dia a dia. Então também tirar do espaço escolar para poder ter uma projeção nas comunidades, pois eu falo comunidades no sentido que a gente consegue hoje ver essa realidade em várias comunidades Pataxó que estão mais próximas da praia, já é uma realidade e as que estão mais distantes da praia têm outras práticas diferenciadas. Nas discussões que a gente tem de encontro com professores nesses intercâmbios entre escolas Pataxó, a partir das oratórias, cada um vai explicando o seu cotidiano e se amplia o que estamos fazendo, como são nos jogos indígenas: há extrema variação de eventos que a escola promove a depender de cada território.

Entrevistadoras: Bacana, os jogos como uma das estratégias na defesa do território! A organização das práticas corporais compõe o currículo escolar?

Karkaju Pataxó: Sim, ela é um calendário escolar!

Entrevistadoras: Há alguma relação com o clima, o período do ano letivo ou com as mudanças climáticas?

Karkaju Pataxó: A gente tem o calendário Pataxó de atividades culturais e o que a gente percebeu esse ano foi muito forte, eu não falo nem do período da pandemia que a gente isolou os eventos coletivos, mas foi muito forte esse ano o impacto de chuvas. A gente tinha no mês de abril um período com chuva na região da Bahia, a gente até brinca: botamos a chuva dentro do nosso próprio cronograma de atividade, só que esse ano foi muito intenso o volume de chuva, mas acabou dando sorte, um dia depois do evento dos jogos, acabou que alagou a aldeia, teve vários casos de alagamentos pontes que foram derrubadas e assim muito fora do que a gente estava acostumado. A influência climática ela aparece também com a gente, traz as práticas de pesca das atividades de escola, que planejou o relato dos pescadores, a escassez de peixe que já deu na nossa região. Alguns peixes já não aparecem mais com frequência e a pesca diminuiu bastante. Os jogos permitem a brincadeira da pesca como atividade lúdica, dos jogos para dentro de sala de aula e a gente tem o depoimento dos pescadores que falam da escassez de vários tipos de peixe. Hoje o volume de sardinha é tão pequeno que o pessoal briga para ter sardinha. O impacto ambiental e climático é percebido dentro da própria mesa, a gente percebe um volume bem pequeno de peixe.

Entrevistadoras: Comente mais sobre isso, a pesca em si é uma atividade de lazer ou articulada só aos pescadores?

Karkaju Pataxó: É uma brincadeira, inclusive até da minha adolescência/infância a gente ia para os arrecifes. É muito comum a família levar os filhos para os arrecifes para pegar polvo e

ouriço, que são os que a gente pega sem precisar usar o anzol. Isso é uma prática que a comunidade ainda tem muito forte, a pesca de mangue envolve também a sala de aula e a prática das famílias que levam os filhos para mariscar nessas partes de arrecifes, para comer ouriço com farinha.

Entrevistadoras: Como os eventos e as práticas ocorrem dentro desse calendário?

Karkaju Pataxó: Para os eventos, o calendário de esporte se divide entre abril, que são os jogos: os eventos que a gente vê acontecendo em várias aldeias, são os pequenos jogos indígenas nas escolas, e o evento que é feito em Coroa Vermelha que se manteve em abril, já o evento em Porto Seguro, que a gente não faz na aldeia, faz na cidade, ocorre no mês de outubro. As aldeias têm agendas da parte cultural, tem um volume de festas em janeiro, e por conta da influência da igreja católica a gente tem muitas festas de santos católicos que são vinculadas com a aldeia. Em abril os jogos também têm um cunho de manifestação política, é um mês de afirmação muito forte que a comunidade trabalha dentro da escola, e os jogos acabam sendo um ambiente para uma posição política e cultural muito forte. Esse ano a temática que gerou polêmica foi a questão de gênero, e a gente conseguiu resolver nesses jogos. Esse ano foi pautado na questão de gênero e na questão da LGBT. A gente pôde ampliar essa visibilidade de discussão dentro da comunidade e também mostrar para a sociedade não indígena o que que está fazendo e como é extensa relação com o que até então seria muito problemático, fora e dentro, mas a gente consegue fazer com que a comunidade conviva de uma forma muito madura nessa questão LGBT, que até então era muito tabu e estamos botando no evento. Com os jogos dá visibilidade e acaba expondo a comunidade para fora, colocamos como um tema forte, para poder discutir inclusive dentro e fora.

Entrevistadoras: Então você pode dizer que essa questão das práticas e os eventos são influenciados também por um debate que marcam as práticas a nível nacional?

Karkaju Pataxó: Sim, os Jogos Indígenas Pataxó são eventos intuitivos; a gente que fica na organização, faz parte do convívio da comunidade, o que a gente leva são temas que são relevantes daquele momento na temporada. Em vários eventos nossos, pela escola, a gente pautou [temas diversos, por exemplo,] o marco temporal, para poder a comunidade entender que estava sendo discutido. Os jogos permitem trazer um público do externo para assistir, então a gente coloca bandeiras defendendo os assuntos para que a gente possa aproveitar esse momento que está acontecendo. Para dar visibilidade às lutas, que até então fica aparecendo que só a gente discute, por exemplo crise climática, ela não afeta só o povo indígena, afeta todo mundo, se a gente pauta isso dentro dos eventos, às vezes dão visibilidade e a chance de mostrar, então a gente acaba colocando os temas mais envolventes. Por exemplo, sexta-feira

agora tem ponto da Juventude Pataxó, que vai discutir uma série de pautas para trazer demandas do governo federal.

Entrevistadoras: Dentro dessas temáticas você está dizendo que o esporte e o lazer, pode ser um espaço não só de práticas corporais, mas também de debate, de fala, como espaço político. Há uma diferença entre o espaço de jogar e brincar e os momentos de debate nos eventos esportivos e de lazer indígenas?

Karkaju Pataxó: Anterior ao evento são as práticas de ensaios de danças, concepção de novas músicas, pinturas. A gente vê a comunidade toda envolvida, com o que vai acontecer nos jogos. Então a discussão ela não acontece só no período do evento, pois ela acaba sendo efetuada ali [na comunidade] durante um ano todo: quem sabe o professor coloca isso como pauta de sala de aula, ou as crianças que vivenciam a prática do esporte, elas irão fazer isso no campo da escola, no campo de casa, no quintal de casa brincando com outros colegas. Havia uma resistência em relação à pintura corporal e os jogos permitiram mudar isso, fazer manutenção da língua que tem uma frequência dos linguísticos muito maior, uma padronização da pintura e a questão da autoestima que a gente viu o quanto o nossos atores melhoraram, um tipo de estética. A comunidade usa as pinturas hoje como autoafirmação, fora do evento e dentro, fora da comunidade há um volume muito maior usando pintura; os cocares, os adornos são muito mais frequentes hoje por conta dessa ferramenta que virou o evento esportivo dentro das aldeias.

Entrevistadoras: O que você entende por políticas públicas e como elas chegam no território a partir da construção dessas práticas? Ou seja, como a política interna do seu povo pode contribuir para verificar se as políticas públicas chegam ou como chegam ou poderiam chegar até seu povo?

Karkaju Pataxó: Então, as políticas públicas em relação ao esporte acabam chegando muito mais por uma pressão que a gente faz. Na minha aldeia, a gente criou um grupo de estudo de esporte onde a gente colocou um intérprete indígena participando em todas as modalidades, um indígena dentro para discutir a demanda de esporte e a gente percebeu nesse trabalho que quando a gente acessa o governo municipal, não tem recurso para infraestrutura de áreas de esporte. Então a gente articulou o uso na aldeia das duas quadras dentro da escola, uma é municipal e outra estadual, no mesmo espaço. A gente conseguiu colocar duas escolas do mesmo espaço, sendo uma com quadra coberta e uma quadra sem cobertura, mas que é utilizada tanto pelo corpo escolar quanto pela comunidade. Conseguimos a construção do estádio gramado, só que assim, é uma política que a gente vê que não chega em outras aldeias, pois depende mais da organização interna nossa. A discussão de políticas de esporte voltada

para o povo indígena ela é muito escassa, a gente se manifesta através dos eventos esportivos. Nos jogos, a gente precisa mudar essa percepção do que a gente quer como política pública de esporte, um público indígena, e aí também assistindo as modalidades que não são indígenas. A exemplo disso, há 2 meses atrás, um grupo de tupinambá foi para Salvador participar de uma competição de Jiu-Jitsu, dos quinze indígenas que foram, quatorze trouxeram a medalha e o décimo quinto não trouxe porque ele quebrou a clavícula e acabou se desclassificando. Há um volume grande de jovens que querem praticar outras modalidades, que não são só os indígenas, então deve-se levar a política de esporte para todas as comunidades, pensando na questão de saúde mental, uma questão que toda a sociedade enfrenta e precisamos estar atentos a isso. Uma questão de levar a política como incentivo também para o bem estar dele como cidadão dentro e fora da comunidade e o incentivo para que ele possa também ter acesso ao alto rendimento, participação de uma Olimpíada, participar não são só de eventos indígenas, a exemplo disso, a gente tem o Alex Poatan, que tem uma descendência indígena e em evento de MMA, ele fez questão de se colocar como indígena em campanha mundial na modalidade, tentando dar visibilidade aos atletas que estão em outras modalidades ou atletas também de origem indígena.

Entrevistadoras: Pode comentar mais sobre como o seu povo e território, faz o movimento para o acesso ao esporte, lazer e cultura via políticas públicas?

Karkaju Pataxó: Pressão nossa, embora a gente tenha lá no município uma Secretaria Indígena, com um indígena à frente, a política mesmo é muito mais fácil chegar como evento do que chegar como uma prática durante o ano. A ideia é discutir como é que a gente coloca isso durante o ano, a gente conseguiu colocar as atividades esportivas na grade curricular escolar foi um avanço fantástico, mas é preciso debater essas questões. A política da educação escolar indígena a gente acabou inserindo, se fosse esperar do município alguma prática nesse sentido a gente não consegue.

Entrevistadoras: Você verifica que o esporte, o lazer e a cultura como política pública é mais fácil acessar via política de educação escolar, mas não há espaço para essas pautas na Secretaria de Cultura?

Karkaju Pataxó: Do esporte, a federação baiana de Jiu-jitsu abriu vagas para atletas indígenas, os praticantes não pagam a inscrição nos eventos, conseguimos essa gratuidade. Tem a Maratona, que é a Meia-Maratona do Descobrimento, que a gente conseguiu inserir uma categoria só para corredores indígenas. Dentro da Maratona, tem um recorte de indígenas onde a gente começou com quinze vagas e correram só quatro, antes da pandemia, mas quando fechou, estava com duzentos e oito inscritos para correr e conseguimos colocar por uma questão

de atuar na organização, noventa e oito atletas para correr dentro no evento. São conquistas fora da atividade do município e são articulações nossas. A gente tem Rugby, uma implantação do Rugby na escola recebeu uma política nossa, uma parceria com a Federação Baiana de Rugby, mas não com o município; o Jiu-jitsu a gente está com duas aldeias, são dois grupos de praticantes, mas um quase fechando porque não tem apoio do município, não tem apoio de nada [...] a gente vê aqui que precisa então saber como consegue levar outras alternativas que deem o suporte para o professor e para o aluno, seja com tatame ou kimono. Teve o triatlão na Bahia, em Porto Seguro e um atleta Pataxó foi classificado, ele está agora se organizando pra ir pra Austrália para competir.

Entrevistadoras: No seu relato você está trazendo a questão da necessidade de políticas específicas de esporte e lazer, voltadas especificamente para os povos indígenas. Que considerações você poderia trazer para as pessoas que estudam o campo dos estudos do lazer que nos ajude a pensar as relações étnico-raciais no Brasil?

Karkajú Pataxó: Primeiro a gente teria que ampliar essas discussões, criar espaço para poder debater a questão da política indígena, pensando nas questões também tradicionais, porque é elevado o número de atividades de futebol nas aldeias, que a gente acaba vendo que pouca coisa cultural da base sendo trabalhado. Aí a preocupação é como que a gente mantém as tradições de quem faz o arco? De quem confecciona a lança? De quem tem a técnica de flecha? De quem tem a técnica de arremesso de lança? Como é que a gente mantém essas discussões, se você pega um lutador do Xingu, do huka huka, ele tem a prática cultural alinhada com toda uma vivência para aquela prática, então precisa ter um incentivo à discussão, de como é que se mantém essas práticas tradicionais porque outras atividades vão chegando, um espaço que o jovem quer experimentar as outras modalidades, mas não é que a gente faz o paralelo de manter o tradicional e o convencional de forma que não seja conflitante. Precisam ampliar esses espaços de discussão para poder ter uma parte maior de políticas públicas de lazer indígena, o povo Pataxó acho que foi o único grupo que fez o fórum de esporte e lazer no Brasil.

Entrevistadoras: Como foi essa ideia do fórum?

Karkaju Pataxó: A gente fez um levantamento para discutir quais são as pautas dentro do fórum que valorizasse essa questão cultural e da manutenção da cultura Pataxó, pensar que o resultado é fruto dessa participação de jogos, o quanto a gente conseguiu avançar na parte linguística, estética, de dança, de pintura e tudo mais. Também a relação dessas políticas com nosso território, como é que a gente usa suas estratégias para também dentro do território fazer um uso adequado do território, colocamos dentro do fórum a parte de educação, saúde, território e juventude. Botar o jovem dentro dessa discussão, para que não ficasse só como um

participante dos jogos, mas para ele entender como é que ele discute a política para poder levar aquilo que ele um dia vai defender, ou vivenciar com a prática na política pública. Claro que o evento dos jogos seria uma constância do povo Pataxó, tanto que ampliou o número de aldeias que fazem os jogos, por conta disso que a gente colocou uma espécie de modelo de projeto para cada aldeia seguir e levar as tradições de acordo com cada realidade.

Entrevistadoras: Como você identifica o entorno, a sociedade envolvente, nesse espaço de lazer? O acolhimento, ou não, dessa especificidade indígena pensando na temática das relações étnico-raciais?

Karkaju Pataxó: A gente tem uma experiência bem bacana, porque a gente se propôs a fazer primeiro os jogos em Coroa Vermelha que é um espaço de turismo; então a gente viu um público muito grande assistindo ao evento e convidamos as escolas da região para irem visitar o evento; e o legal é que depois do evento você vê a sociedade do entorno comentando. A partir dos jogos a gente conseguiu levar e ver grupos da cidade falando: que legal que vocês fizeram um evento desse; que legal que o evento é desse formato. A gente consegue envolver dentro dos jogos o pessoal da cidade nesse ambiente, os jogos são abertos para o público que é justamente essa estratégia para que a sociedade entenda a nossas pautas, entenda que estamos ali e como é que a nossa forma de organizar e lidar com o mundo externo. Os empresários da região passaram a apoiar o evento, como forma também de dar visibilidade ao comércio deles, mas potencializando a gente.

Entrevistadoras: E no cotidiano, como se apresenta essa relação étnico-racial?

Karkaju Pataxó: Em toda região nordeste a gente sempre sofreu com a questão do fenótipo, parecer índio ou não aparecer, e os jogos indígenas permitem a pessoa ver vários fenótipos de Pataxó. Quando a gente convida outros grupos, ele vai ver outros fenótipos de grupos indígenas que tem diferenças e tanto de grupo para outro e tudo mais, então a gente conseguiu fazer essa marcação dentro da cidade. Teve um exemplo de uns eventos que a gente fez tipo um certificado de agradecimento aos empreendimentos que apoiaram os jogos e lá em um dos supermercados grandes, tinha na área de funcionários, o certificado em destaque; uma padaria também colocou perto do caixa aquele certificado como empresa que apoiou os jogos indígenas. Então você vai vendo várias formas da sociedade perceber que a gente não tá ali só reivindicando uma pauta, que muitas vezes para eles é inadequado, mas os jogos dão uma visibilidade diferente, inclusive quando começa a dar um tratamento diferente com a questão do fenótipo. A gente tem avançado bastante nesse sentido, inclusive um público de alunos não indígenas que vão pra escola indígena e temos uma demanda muito grande de alunos que não são indígenas que querem ir pra escola indígena, para ter um estudo diferenciado, como é que a

gente faz adequação de não excluir esse aluno.

Entrevistadoras: Muito obrigada por essa bela entrevista, acreditamos que você nos traz muitas contribuições para refletirmos, numa perspectiva decolonial e não racializada, o campo do lazer e do esporte. Faria algum outro comentário?

Karkaju Pataxó: Eu quero trazer para cá as questões muito pertinentes, são questões que podem trazer luz, questões de como as políticas são fundamentais para todas as comunidades indígenas, especialmente nesse momento em que a gente tem um desafio da educação dos jovens e da pouca ação das políticas nos territórios indígenas, pensar que não há nenhuma política que pense a cultura, o lazer e o esporte como uma questão importante na própria educação.

REFERÊNCIAS

GRANDO, B. S.; PINHO, V. A. de; CAMPOS, N. da S. (orgs.) **Políticas Públicas e Povos Indígenas**: contribuições a partir do Fórum nacional de esporte e lazer para os povos indígenas do Brasil. Cuiabá, MT: Ed. Sustentável-EdUFMT, 2016.

PINTO, L.M.S.de M.; GRANDO, B.S. (org.) **Brincar, Jogar, Viver**: IX Jogos dos Povos Indígenas. Cuiabá, MT: Central de Textos, 2010.

SOARES, K. C. P. C.; GRANDO, B. S.; STROHER, J. Epistemologias do sul e educação intercultural: contribuições da formação-ação-intercultural em Cuiabá-MT. **Revista de Educação Pública**, v. 30, p. 1–23, jan/dez, 2021. DOI: 10.29286/rep.v30ijan/dez.12795. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/12795>. Acesso em: 10 ago. 2023.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

NOTA DOS AUTORES

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesses.

Endereço para correspondência:

307 Sul, Qi8, Rua 04, Lote 14, Palmas - TO. CEP: 77.015-470.

Contribuição dos autores

K.C.P.C.S e B.S.G. conceberam juntas a proposta da entrevista: definição do entrevistado, elaboração de perguntas, transcrição, contextualização e fundamentação do texto.

Submissão: 10/08/2023

Aceite: 25/11/2023